

A propagação das idéas e conhecimentos uteis é uma empresa generosa, e proficua á sociedade.

# O PROPAGADOR.

A boa vontade, união, confiança constituem a mais poderosa alavanca dos progressos sociais.

## Assignaturas.

POB ANNO ..... 82000  
POR SEIS MEZES ..... 52000  
FOLHA AVULSA ..... 2240

Publica-se uma vez por semana. Os socios tem uma columna gratis, e os assignantes meia columna, e o excedente, e mais publicações á 100 reis por linha.

## Assignaturas.

POB ANNO ..... 82000  
POR SEIS MEZES ..... 52000  
FOLHA AVULSA ..... 2240

ANNO II.

SABBADO 26 DE MARCO DE 1859.

N. 62.

## O PROPAGADOR.

Dous atletas dos principios de liberdade e ordem, que com suas luzes dirigem a opinião em duas provincias das mais importantes no sul e norte do imperio—Pernambuco e S. Paulo—exprimem-se sobre a politica de conciliação, que sinceramente temos abraçado com a maioria dos brasileiros, de uma maneira tão conveniente, que, apesar do que neste sentido temos escrito, julgamos de interesse publico mimosear os nossos leitores com a transcripção das idéas luminosas desses dous campeões da imprensa.

El-as.

### LIBERAL PERNAMBUCANO.

Recife, 25 de Janeiro.

A conciliação é em politica uma expressão que, quando empregada de boa fé, pôde produzir os melhores resultados; não seremos por tanto nós, que deixemos de aceitar-a. Pelo contrario a nossa conducta politica tem-se constantemente adherido a ver realisado esse pensamento tantas vezes recomendado pela corda.

E de feito, quer consideremos a conciliação debaixo do ponto de vista das idéas, quer debaixo do ponto de vista das pessoas, é ella o meio de, por caminhos mais directos, faccis, e suavs, chegarmos ao desideratum social consistente no reinado da justiça, e na prosperidade moral, intellectual, e material do paiz.

Pelo que respeita as idéas, é claro que o antagonismo entre a monarchia e a democracia dá em resultado, quando levado ao extremo, o perpetuamento de um lutar desesperado, no qual o monarcha e o povo se consideram como inimigos um do outro. Pelo contrario, no seio da conciliação, o antagonismo essencial torna-se um germen de bons resultados; as duas forças oppostas combinam-se, produzem o desejavel equilibrio, e a felicidade geral resulta d'essa entente preciosa. Quando o monarcha é o amigo do seu povo, e o povo é o amigo do seu monarcha, quando um e outro trabalham de accordo, a paz e a tranquillidade publica são a fonte do verdadeiro progresso.

Pelo que respeita ás pessoas, não menos preciosos são os effeitos da conciliação; porque entao os odios pessoais,

as vinganças a todo o transe e esses meios immoraes que se empregam no encontro d'esses odios, são outras tantas causas de atrazo e de males para o paiz, que perde o seu character de civilizado, para dar campo á corrupção de costumes e a actos de barbarismo.

A segunda especie de conciliação, que aliás deve andar sempre junta á primeira, é aquella que mais embaraços encontra na provincia, porque aqui um certo pessoal, julgando-se o dono da terra, nao quer de modo algum alargar o circulo dos que devem occupar uma posição mais ou menos eminente no paiz official. Temos incessantemente bradado contra essa intolerancia, tão opposta ao espirito de conciliação, mas, em vez de sermos attendidos, somos nós tratados como intolerantes, como inimigos de toda a conciliação! Muito pôde o sophisma em um paiz, onde a opinião não pôde, sem immensas difficuldades, restabelecer-se de um falseamento de tantos annos!

Protestamos quotidianamente contra semelhante modo de explicar as coisas; mas, apenas censuramos esta ou aquella autoridade, este ou aquelle homem, sobre quem deve recahir a acção da lei, aqui d'El-reil que não queremos a conciliação! A conciliação, por este modo, seria não o aproveitamento dos homens moralizados e intelligentes de todos os partidos, mas sim uma amnistia para todas as faltas, para todos os crimes, embora estes não tenham prescripto. Uma tal conciliação não seria opposta á justiça, e á prosperidade publica? E é possível uma sociedade, onde se não trabalhe para a consecução de seus fins legitimos?

Entretanto acreditamos que ha, entre os nossos adversarios, homens de boa fé, que fazem justiça ás nossas intenções, e que querem ver a luta politica da provincia substituida por uma conciliação bem entendida, que leve a fraternidade ao seio das ideas e das pessoas.

### IMPRENSA PAULISTANA.

S. Paulo 27 de Janeiro.

#### A CONCILIAÇÃO.

Os acontecimentos sociaes não se explicam sempre pelo arbitrio dos governos, como os factos da consciencia não tem sempre por causa a vontade do individuo: um principio de ordem supe-

rior ali se concentra n'outros para com pensar o erro e o crime, a paixão e a ignorancia.

Facil fóra imaginar o que seria o homem e a sociedade, si entregues a si proprios, soltos de todos os laços, que devem contel-os entre sua origem e seu fim, vagassem na superficie da terra á mercê de tantos males que levam inevitavelmente os individuos ao abysmo da descrença e a convulsão tetanica do despotismo ou da anarchia.

Vede a França de 1848, contemplai a anarchia de Junho, e desviai os olhos do quadro melancolico que esse bello paiz apresenta hlyctob a ferrea espada de Luiz Napoleo o sr: um povo, martyr de suas glórias, expiando para exemplo de outros povos, graves erros, crimes talvez inevitaveis.

Si poderemos alargar um pouco os limites aqui traçados, verieis na unidade da criação explicado o soffrimento actual da França; verieis a grande lei do equilibrio regulando o movimento de todos os seres, desde o astro do dia até a mais infima planta, desde o homem até o reptil, que se arrasta invisivel e ephemero na terra. Em 23 de Junho de 1848 o povo francez, no auge de um desespero, inutilmente comprimido, calcou aos pés a lei universal, o equilibrio rompeu-se, e pois como na ordem physica appareceu o phenomeno da acção e reacção, cujas ondulações até agora subsistem, e talvez tão cedo não cessem, para se collocar o povo e o governo na ordem universal e salutar do equilibrio, que para os povos significa a paz e a prosperidade.

Em nosso paiz, exasperados pelo despotismo colonial, e desluzbrados pela liberdade conquistada em 7 de Setembro de 1822 pela enrgia de um principe generoso, e pelos estorços de alguns patriotas, de veneranda memoria, gastamos trinta annos a desfazer máos habitos inventerados de permanente desconfiança de poder com todos os erros da inexperiencia.

Não recordemos esse periodo, derramemos uma lagrima patriotica sobre essas dores publicas do passado, veneremos intenções puras, talvez santas, embora condemnemos á luz da experiencia, e a aurora de uma civilização brilhante, esses acontecimentos e se ennegrecem as primeiras paginas de nossa historia politica.

Mas aproveitemos a lição, saibamos semear no presente, certos de que os vindouros aguardarão a colheita do fu-

turo. E não vacillemos entre as suas maldições e as suas bênçãos.

O descanso é o successor da luta, diziam nós, e é verdade. A conciliação, ou qualquer que seja o nome da tendência actual de nossa politica, não precisa ser abrigada á sombra do throno imperial: ella nasceu no seio das lutas passadas, e se nutre no animo do povo, que, fatigado extremamente, instava pelo repouso. O antagonismo da liberdade e da autoridade, do povo e do governo, da razão e da força, deve acabar pelo desespero ou pela extenuação, e felicitemo-nos, e bem digamos a Providencia, que desviou-nos o castigo, e que, no seio de uma grande revolução de ideas, e de paixões, que se vai consummando no imperio, nos deixa a paz no presente, e a confiança no futuro, estas condições vitaes do povo.

Sob a influencia da conciliação nós verificamos a lei universal da humanidade, a lei do progresso, da perfeição, que se traduz na historia, na origem, como na decadencia das nações do mundo, em suas glorias como em seus infortunios, em seu engrandecimento como em sua anniquilação. Ignorante, ou mal intencionado é aquelle, desconhecendo este principio de c. io, ou temendo seus effeitos providenciaes, trata de amesquinhar a politica de conciliação, fazendo-a um mero resultado das opiniões de um estadista.

Em vão se afanam os adeptos da ordem: a restauração do passado é um impossivel, como é impossivel o erro depois da experiencia, o soffrimento depois da tranquillidade.

A politica não é um fim. A constituição do paiz, a fundação e consolidação das liberdades publicas, senhadadas durante tres seculos de soffrimentos, podiam e deviam centralisar todos os esforços, mas hoje não póde ser ella mais do que um meio, porque, como outros povos, temos necessidades que a excedem, e que são tambem condições de prosperidade.

Outr'ora vivia o imperio nas sós relações do povo e do governo, e tudo sacrificava n'esse sentido: hoje antigas privações tornam mais imperiosas essas necessidades multiplas, materiaes e moraes de um povo civilisado, n'um paiz vasto e despovoado como o Brasil.

E si um momento pudessemos pôr em duvida estas virtudes eternas, era bastante lembrarmos que o paiz é novo, que são poucos ainda os cidadãos habilitados para empregos de todas as categorias, para nos convenceremos da impossibilidade da resurreição dos odios de partido; do exclusivismo politico.

Simal pois que a politica de conciliação é uma phase do progresso universal, e se envolve na purpura imperial, ninguem pode á proscreeval-a; seu dominio é completo e natural, e portanto incontestavel, de adouro — e benefico para o imperio.

Proclamada ha quatro annos, ganhando, dia á dia, terreno e proselytos, e permitindo ao povo a expansão

de seus instinctos, o desenvolvimento de seus recursos materiaes e moraes, a politica de conciliação é um facto aceito, e actualmente tão necessario, como foi aceita a liberdade.

## INTERIOR.

Pedro Segundo 12 de fevereiro de 1859.

### Correspondencia particular.

Os homens de probidade, e de senso, cedem sempre a razão—as conveniencias politicas devem submeterem-se ao reclamo do verdadeiro patriotismo, da moral, e do triumpho da religião.—Quando se trata do bem estar do maior numero, não deve haver o menor escrupulo em subjugar-se nos termos legais a um pequeno grupo que, sustentado apenas no poder official, quer a todo o transe dominar por meios reprovados.—As authoridades superiores são as sentinellas mais activas que podemos ter para bradar pelo cumprimento da lei—e pelo bem estar dos povos.

#### I.

Pode um homem, ou um partido ter recebido de boa fé um principio, ou defender uma bandeira politica; pode um homem, ou um partido ter certas exagerações na maneira pratica, de fazer triumphar as suas ideas, de defender os seus interesses—por isso não devem ser censurados, porque, se houvesse uniformidade de pensamentos em tudo, e para tudo, a sociedade não precisava constituir-se, e nem proeurar todos os meios de garantia para os seus membros;—o que porem é extranhavel, ou não pode passar sem censuras; o que deve chamar a attenção do maior numero, é que se deixe passar despercebido o emperramento daquelles que não querem ceder a razão.—Isto porem não se encontra se não, ou nos homens sobre modo estupidos, ou nos que são por demais caprichosos, para fazerem de sua vontade lei. Todo aquelle que labora em um erro, que de boa fé segue um principio, que é dominado por um engano; cede a razão, ou a verdade, quando ella se deixa ver tão clara como a luz do meridiano:—este homem, ou este partido, que cede—que modifica seu modo de pensar, não pode ser outro, se não aquelle que se compõe de homens de probidade, e de bom senso — ou que segue a religião de Jesus Christo.

#### II.

Em politica, sabemos mui bem, que as vezes é preciso marchar pelas conveniencias, mas quando para se dar o triumpho a estas, se pretende esmagar o verdadeiro patriotismo, que não é outra coisa se não o bem de todos os associados; quando para as conveniencias triumpharem é mister que a moralidade dos povos se occulte por

de traz do cubiculo do interesse; quando para as conveniencias chegarem a seus fins é mister renegar a religião de nossos pais, ai daquelles que lanção mão de taes meios, porque de seus proprios amigos verão sahir os defensores da patria, esse grupo de lidadores incansaveis, que formará esse corpo de corajosos combatentes para derrubar o principio máo, e corruptor da sociedade.

#### III.

Os meios reprovados de que muitas vezes lanção mão as minorias de posse do poder official para dominar o maior numero, que segue um pensamento nobre, que defende a causa da justiça, são insufficientes para levar ao cabo a obra da iniquidade, e do interesse descommedido: e, ou os povos se exaltão, e a explosão fulmina os imprudentes, ou a discussão calma, a prudencia nas provações, o tino no combate legal—faz o ganho da causa dos opprimidos contra os oppressores.

A segunda hypothese, é a que se julgou conveniente adoptar no Pedro Segundo, e posta em pratica tem se colhido abundantes frutos, que faz hoje perder a paciencia dos pequenos tyrannetes, que já tinham por certo subjugar aos homens amigos da ordem, e da liberdade a seus nefandos caprichos: e quando a opinião está esclarecida, ou ao alcance de todos, quando a maioria tem consciencia da sua causa, e do seu bom direito, não deve ter escrupulo algum de empregar todos os meios licitos para subjugar a minoria oppressora aos ditames da razão, as disposições das leis.

#### IV.

Então compete as authoridades superiores tomar a direcção da causa—ser a mais activa sentinella no cumprimento das leis; syndicar sobre a conducta dos seus subalternos, e salvar aos seus governados dos effeitos de um capricho criminoso.—A policia no poder de José Mendes da Rocha, de Pedro Luiz de Alexandria, e de outros homens desconceituados deste termo é um mal que precisa remediar para que a corrupção não torne um vulto espantoso, e o crime não occupe o throno da justiça.

Não são exagerações que os factos não tenham provado, não são ambições das posições, não é o desejo do triumpho de uma parcialidade contra outra; não: chame-se para a policia aqui, saquaremas honestos, e amantes da lei, conciliadores, ou mesmo puros; chame-se liberaes conciliadores ou mesmo anti-conciliadores—porem que sejam homens probos, intelligentes, e amigos do bem publico, que a grande maioria do Pedro Segundo, hoje subjugada pelo pequeno grupo de José Mendes, se achará satisfeita, e fará votos pela conservação das primeiras authoridades da provincia, e lhes prestará o mais franco e dedicado apoio.—Parece-nos que a actualidade nos dá esperanças para a execução do nosso pedido, e provém